

UMA NOVA GUERRA FRIA?*

Rômulo da Fonseca Botelho Atella¹
Fábio Renan Azevedo de Souza²
Roger Dias da Silva³

1. Introdução

O final da segunda guerra mundial inaugurou um período da história mundial marcado pelo antagonismo entre dois países que emergiram como os vencedores do conflito: os Estados Unidos da América (EUA) e a ex-União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (ex-URSS). Essas nações, que outrora estavam aliadas no combate ao flagelo do nazifascismo na Europa, tornaram-se rivais após a segunda guerra mundial. A conjuntura que se seguiu após o conflito mundial era baseada numa ordem mundial bipolar, caracterizada pela competição de norte-americanos e soviéticos em todas as expressões do poder nacional.

Entre os anos de 1946, com o recrudescimento da guerra civil na Grécia, e 1991, com a dissolução da ex-URSS, o equilíbrio de poder mundial esteve condicionado à dinâmica das relações entre o Oeste capitalista e o Leste socialista. E assim, os EUA assumiram a liderança global contra o expansionismo soviético, emulando a defesa de princípios morais universais contra o que os norte-americanos consideravam o jugo da tirania soviética (KISSINGER, 2015). No campo militar, essa oposição resultou no estabelecimento de alianças, principalmente a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), formada em 1949 pelos EUA e pelas democracias da Europa Ocidental, e o Pacto de Varsóvia, constituído em 1955 pela ex-URSS e pelos países da cortina de ferro.

2. O colapso soviético e o cenário após a guerra fria

O colapso do império soviético, ocorrido a partir de 1991, evento considerado pelo presidente russo *Vladimir Putin* como a maior catástrofe geopolítica do século XX, fez emergir um novo paradigma nas relações internacionais: a universalização da democracia liberal como a forma final de governo humano (FUKUYAMA, 1989).

Tal ideia, defendida pelo escritor e filósofo *Francis Fukuyama* em seu ensaio “O Fim da História e o Último Homem”, recebeu grande destaque no meio acadêmico no início dos anos 1990, à medida que os EUA consolidavam sua posição hegemônica no sistema internacional. Esse período

* Artigo originalmente publicado no OMPV em 08 de agosto de 2022.

¹ Major do Exército Brasileiro.

² Major do Exército Brasileiro.

³ Major do Exército Brasileiro.

coincidiu exatamente com as formulações neoliberais do Consenso de Washington e a fulminante vitória da coalizão liderada pelos EUA sobre as forças de *Sadam Hussein* no *Kuwait* na primeira guerra do Golfo.

No entanto, a História não terminou. A ideia de uma ordem internacional capitaneada por Washington, baseada nas liberdades individuais, na propriedade privada e nos mercados abertos, não podia ser compartilhada por todos os países do globo (KOTKI, 2021). Ao contrário, o cenário após a guerra fria tem apresentado uma série de conflitos ao redor do mundo, nos quais as questões das identidades culturais têm exacerbado movimentos separatistas e de cunho religioso, tal qual propunha *Samuel Huntington* em sua célebre obra “O Choque das Civilizações e a Recomposição da Ordem Mundial” (HUNTINGTON, 1998).

3. A emergência da China e a conjuntura atual

A conjuntura atual provocou a gestação de uma nova era de rivalidades, com a emergência da China como um relevante ator no tabuleiro geopolítico internacional. Sua ascensão é o resultado de um processo contínuo e prolongado, que remonta à guerra civil vencida por *Mao Zedong* em 1949, e que possibilitou a formação de um Estado com regime de partido único, sob o controle absoluto do Partido Comunista Chinês (PCC).

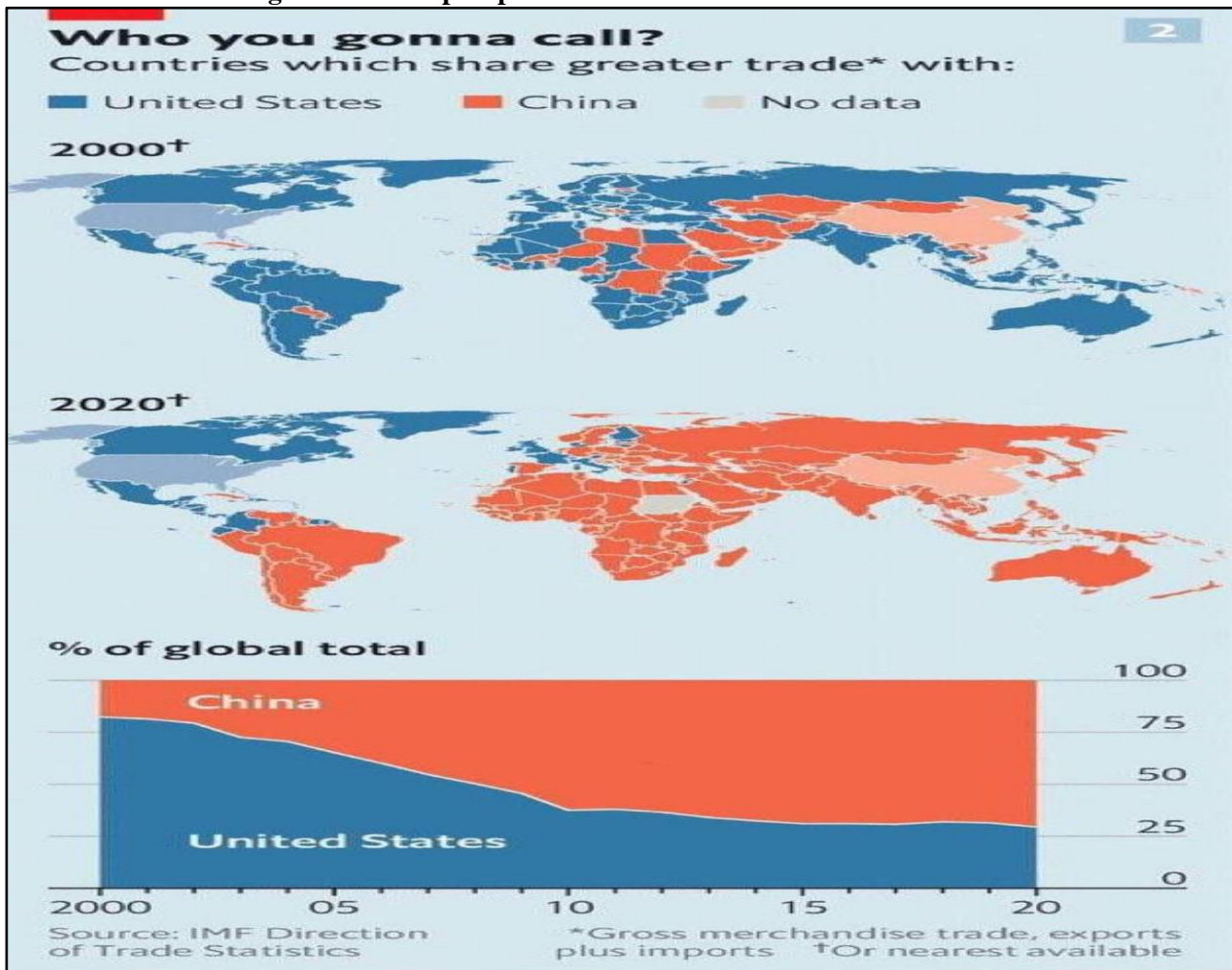
Esse movimento teve como pano de fundo a aproximação entre os EUA e a República Popular da China (RPC), ocorrida a partir do governo *Richard Nixon*, como um reflexo da cisão sino-soviética (MEARSHEIMER, 2022). A conciliação entre os dois países foi estimulada pela iniciativa de *Mao Tsé-tung* e obedeceu ao imperativo de segurança, ameaçada pelas crescentes tensões fronteiriças com a ex-URSS. Para os norte-americanos, essa atitude representava uma extraordinária oportunidade estratégica para conter o expansionismo soviético na Ásia, além de restabelecer relações com uma nação que detinha um quinto da população mundial (KISSINGER, 2011). Desde então, as relações entre os dois gigantes têm se mostrado pendulares ao longo das últimas décadas. As pautas relacionadas aos direitos humanos, à liberdade política e, sobretudo, à questão de *Taiwan*, permanecem como pontos potencialmente conflitantes na agenda.

Todavia, a perenidade do diálogo e da cooperação entre os EUA e a China possibilitou o assombroso crescimento econômico oriental, sobretudo a partir de 1978, após a implementação das reformas estruturantes conduzidas por *Deng Xiaoping*. Esse conjunto de medidas promoveu resultados espetaculares, logrando um crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) a taxas maiores do que 9% durante toda a década de 1980. Iniciativas como a criação das Zonas Econômicas Especiais (ZEE), além do ingresso no Fundo Monetário Internacional (FMI) e no Banco Mundial fomentaram

a entrada de investimentos estrangeiros e a descentralização da atividade produtiva no país. Desse modo, foram lançadas as bases do socialismo com características chinesas (KISSINGER, 2011).

Portanto, no alvorecer de uma nova ordem mundial pretensamente liderada por Washington, a China encontrava-se em franca expansão de suas capacidades econômicas. No ano de 2001, foi admitida como membro da Organização Mundial do Comércio (OMC) com o apoio norte-americano, fato que ampliou drasticamente suas relações comerciais com o restante do mundo (MEARSHEIMER, 2022). Atualmente, o país responde pelo segundo maior PIB global e constitui-se como principal parceiro comercial de um número crescente de nações.

Figura 1 - Principais parceiros comerciais dos EUA e da China



Fonte: THE ECONOMIST, 2021.

4. A rivalidade entre superpotências

Dessa forma, constata-se que a rivalidade entre superpotências obedece a uma lógica realista dificilmente contornável (MEARSHEIMER, 2022). Desde o conflito entre Atenas e Esparta na Guerra do Peloponeso, até a guerra fria no século XX, o fenômeno da confrontação entre uma potência dominante e outra em ascensão tem se repetido reiteradamente no curso da História. Essa

condição foi cunhada por *Graham Allison* em seu livro “A Caminho da Guerra”, como a armadilha de *Tucídides*, em referência ao historiador helênico que descreveu em detalhes o estresse estrutural que conduziu as cidades-estados gregas à guerra (ALLISON, 2020).

Sob a ótica realista das relações internacionais, é justo afirmar que as nações são impelidas a competir por poder. Sob a liderança de *Xi Jinping*, o dragão chinês tem buscado consolidar sua hegemonia no extremo oriente e busca exercer um papel cada vez mais relevante no cenário internacional. No campo científico, tem se esforçado para liderar as pesquisas e a produção de avançadas tecnologias, com altíssimo valor agregado (MEARSHEIMER, 2022). Na expressão militar, tem elevado exponencialmente seus gastos em Defesa nos últimos anos, com foco na ampliação de sua dissuasão nuclear e a construção de uma Marinha de águas azuis que seja capaz de salvaguardar seu comércio marítimo.

A competição colossal, portanto, tem se mostrado inevitável. Tal antagonismo é potencializado por fortes componentes psicossociais que orientam, em grande medida, suas condutas na política externa. Os EUA e a China representam visões únicas e excludentes do mundo em que vivem. Os norte-americanos consideram-se um povo excepcional, condicionado em seu Destino Manifesto a levar a virtude, o progresso e a democracia para o conjunto da humanidade. Os chineses, em seu turno, compartilham de um senso de superioridade moral que remonta ao Império do Meio, pautado pelos ensinamentos da doutrina confucionista, fora do qual não havia civilização, mas apenas a barbárie (ALLISON, 2020).

Dessa forma, os EUA têm orientado seus esforços de Defesa para conter as ameaças representadas pelas potências consideradas revisionistas, as quais buscam moldar um ambiente internacional que atenda aos seus interesses, na medida em que confrontam Washington em todas as expressões de seu poder nacional (UNITED STATES OF AMERICA, 2018). A recente guerra comercial no governo *Donald Trump*, o acirramento das disputas militares no mar do sul da China, as tensões sobre o *status* político de *Taiwan*, o recrudescimento dos arsenais nucleares e, obviamente, a recente invasão da Ucrânia pelas forças russas, são evidências da disposição desses países em estabelecer uma competição de longo prazo contra os EUA e seus aliados (BRANDS, 2022).

É mister destacar o papel desempenhado pela História na prospecção de cenários e na adoção de estratégias nacionais. Embora a guerra fria tenha se desenrolado ao longo de décadas num contexto internacional marcado pelo conflito Leste-Oeste, suas lições são extremamente relevantes para indicar os principais desafios nos tempos hodiernos. Uma potencial nova guerra fria entre os norte-americanos e os chineses certamente obedecerá a uma dinâmica própria, diversa do período pós-segunda guerra mundial.

Durante a guerra fria travada por norte-americanos e soviéticos, houve uma disputa econômica indireta entre a ex-URSS e os EUA. Naquela ocasião, o governo norte-americano implementou o plano *Marshall* no pós-guerra, solidificando a sua esfera de influência em grande parte da Europa, incluindo as principais potências do continente, como a França e a Inglaterra. Em contrapartida, a ex-URSS criou o Conselho para Assistência Econômica Mútua (COMECON), visando articular o bloco soviético. Percebeu-se, naquela época, o esforço de cada pólo antagônico em fortalecer as nações sob sua liderança.

Entretanto, uma nova guerra fria, que envolve a rivalidade entre os EUA e a China, evidencia um cenário de utilização da expressão do poder econômico. Não apenas para fortalecer os aliados, mas, principalmente, como ferramenta para desestabilizar os rivais. Observou-se, nos últimos anos do governo *Trump*, a escalada de sanções econômicas aplicadas contra à China, postura que afetou principalmente os produtos das indústrias de base da China. Contudo, houve resposta chinesa ao aplicar sanções aos produtos estadunidenses. Tal fato tornou-se possível, haja vista a interdependência atual entre as economias dos países em virtude da globalização, mostrando que essa expressão do poder tem potencial para exercer maior peso no cenário atual, do que no contexto da Guerra Fria.

5. Considerações Finais

Por fim, o atual estágio do desenvolvimento capitalista, com inúmeras sociedades operando em redes transnacionais e com amplo emprego de tecnologias avançadas, contribui para um nível cada vez maior de integração entre as nações. Além disso, a humanidade se defronta com graves problemas como os severos efeitos das mudanças climáticas, a ocorrência de graves crises sanitárias como a pandemia do covid-19 e as imigrações em massa, que exigem concertação nos mais altos níveis decisórios para sua mitigação. Dessa forma, a escolha das estratégias no relacionamento entre esses superpoderes determinará, em grande medida, a construção de uma nova balança de poder mundial.

Referências:

ALLISON, Graham. **A Caminho da Guerra: Estados Unidos e China conseguirão escapar da armadilha de Tucídides?** 1ª ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2020.

BRANDS, Hal. **The Twilight Struggle: What the Cold War Teaches us about Great-Power Rivalry today.** New Haven: Yale University Press, 2022.

BRANDS, Hal; GADDIS, John Lewis. **The New Cold War: America, China, and the Echoes of History.** Foreign Affairs, Vol. 100, nº 6, p. 10-20, 2021.

FUKUYAMA, Francis. **The End of History.** The National Interest, nº 16, 1989.

HUNTINGTON, Samuel P. **O Choque de Civilizações e a Recomposição da Ordem Mundial.** Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1998.

KISSINGER, Henry. **Sobre a China.** 1ª ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.

KISSINGER, Henry. **Ordem Mundial.** 1ª ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.

KOTKI, Stephen. **The Cold War Never Ended: Ukraine, the China Challenge, and the Revival of the West.** Foreign Affairs, Vol. 100, nº 6, p. 48-58, 2021.

MEARSHEIMER, John J. **The Inevitable Rivalry: America, China and the Tragedy of Great-Power Politics.** Foreign Affairs, Vol. 101, nº 3, p. 64 -78, 2022.

THE ECONOMIST. **Joe Biden is determined that China should not displace America.** The Economist, 17 de julho de 2021. Disponível em: <https://www.economist.com/briefing/2021/07/17/joe-biden-is-determined-that-china-should-not-displace-america>. Acesso em: 30 de maio de 2022.

UNITED STATES OF AMERICA. Department of Defense. **Summary of the 2018 National Defense Strategy of the United States of America: Sharpening the American Military's Competitive Edge.** Washington-DC, 2018. Disponível em: <https://dod.defense.gov/Portals/1/documents/pubs/2018-National-Defense-Strategy-Summary.pdf>. Acesso em: 30 de maio de 2022.